

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

PATRICIA REDEL NUNES TEIXEIRA



Porto Alegre

2004

PATRICIA REDEL NUNES TEIXEIRA

**O PAPEL DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO BIBLIOTERAPIA:
A Experiência do Projeto “Histórias na Creche” do Núcleo da Hora
do Conto – FABICO/UFRGS na Creche da Instituição Amigo
Germano, em Porto Alegre - RS**

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para a aprovação na disciplina BIB03037 – Trabalho de Conclusão de Curso.

Orientadora:

Prof^a. Eliane Lourdes da Silva Moro

Porto Alegre

2004

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor Prof. Dr. José Carlos Ferraz Henemann

Vice-Reitor: Pedro Cezar Dutra Fonseca

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Dr^a Márcia B. Machado

Vice-Diretor: Prof. Ricardo S. da Silva

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Prof. Dr. Valdir José Morigi

Chefe Substituta: Prof^a Ms Itália Maria Falceta da Silveira

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)

T266p TEIXEIRA, Patrícia Redel Nunes

O papel da contação de histórias como Biblioterapia: a experiência do projeto "Histórias na Creche" do Núcleo da Hora do Conto – FABICO/UFRGS na Creche da Instituição Amigo Germano, em Porto Alegre – RS / Patrícia Redel Nunes Teixeira; orientação [por] Eliane Lourdes da Silva Moro. – Porto Alegre: UFRGS/FABICO/DCI/Biblioteconomia, 2004.

80 f.

1. Contação de histórias. 2. Biblioterapia.
3. Creche. I.Moro, Eliane L. da Silva. II.Titulo.

CDU 028

Departamento de Ciências da Informação

Rua Ramiro Barcelos, 2705

Cep.90035-007

Tel: (51)3316-5146

Fax: (51)3316-5435

E-mail: fabico@ufrgs.br

Dedicatória

Dedico este trabalho especialmente às crianças da Creche Amigo Germano, que a cada encontro, transmitiam em seus pequeninos olhares emoções tão gratificantes, que redobravam minha força e minha vontade de expressar, de alguma forma, meu amor por elas.

Dedico este trabalho também às queridas professoras do Núcleo da Hora do Conto, Eliane e Lizandra, por fazerem parte da minha vida, não como simples professoras, mas como amigas, irmãs do coração e da alma.

Dedico este trabalho aos colegas contadores de história, que demonstram seu caráter no carinho do trato com as crianças. Atenção especial à Lenna, por ser aquela maninha que eu sempre quis ter...

AGRADECIMENTOS

Jamais me imaginei escrevendo os agradecimentos do Trabalho de Conclusão de Curso e muito menos registrando o fato como uma contadora de histórias, apesar de elas sempre terem feito parte da minha vida.

Por isso, em primeiro lugar, agradeço a Deus, sem vergonha ou medo de ser piegas ou fora de moda, ou qualquer coisa do estilo. Agradeço a Deus, sim, pois Ele me concedeu a saúde que eu tanto quis para chegar até aqui com forças para continuar e querer mais.

Agradecer aos pais até parece redundante, mas nunca é demais. Aos meus pais, um Muito Obrigada assim mesmo com letras maiúsculas para representar um pedacinho do meu infinito amor e gratidão por eles.

Ao meu amado esposo, primeiro peço perdão pelos desabafos. Só então agradeço toda a paciência, toda a dedicação e todo o amor.

Aos demais familiares, especialmente meu maninho querido, agradeço a confiança depositada e todas as orações realizadas para meu sucesso.

Aos colegas, professores e funcionários da Faculdade agradeço o apoio e as muitas amizades.

Aos Contadores de História do Núcleo da Hora do Conto, um agradecimento com final feliz e promessa de próximos capítulos dessa linda história.

À Eliane Moro e à Lizandra Estabel agradeço por serem anjos materializados em meu caminho, ensinando e aprendendo a viver.

À tia Sônia, à tia Lili, à tia Adriana, à tia Marlize, à tia Naiara, à tia Cristina, obrigada por me mostrarem que não há nada mais belo do que a dedicação e o amor ao que se faz. Às crianças, meus anjinhos amados, da Creche Amigo Germano, agradeço por cada sorriso, cada beijo, cada olhar iluminado para clarear meus dias.

Finalmente, agradeço ao Amigo Germano, espírito de luz que guiou meus passos até à Instituição para comprovar que nada acontece por acaso e mesmo as maiores dores têm recompensa e final feliz na graça de Deus.

“Eu amo você”, disse uma avó. Amo você pelo que você é sabendo tão bem o que você é. E amo você mais ainda, criança, mais profundamente do que jamais, criança, pelo que você vai ser, sabendo tão bem que você irá longe, sabendo que seus grandes trabalhos estão à frente, à frente e além, além e muito mais além ainda.”

(Carl Sandburg, 1964)

RESUMO

Este trabalho apresenta as atividades do Projeto de Extensão “Histórias na Creche” promovido pelo Núcleo da Hora do Conto da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O Projeto é realizado na Creche Comunitária Amigo Germano de Porto Alegre - RS. Apresenta o referencial teórico sobre o papel da contação de histórias como biblioterapia. Relata a verificação se a contação de histórias age como fator biblioterapêutico no campo cognitivo das crianças portadoras de necessidades sócio-econômico-afetivas especiais, mantidas pela Creche Comunitária Amigo Germano. O estudo objetiva resgatar a afetividade perdida no cotidiano das crianças mantidas pela Creche, visando o reequilíbrio emocional dos sujeitos do estudo através da contação de histórias. Fontes bibliográficas, eletrônicas, pessoais e análise de dados coletados junto à comunidade envolvida, por observação direta e entrevistas semi-estruturadas foram utilizados para a realização do estudo.

Palavras-Chave: Biblioterapia. Contação de histórias. Criança. Creche Amigo Germano. Núcleo da Hora do Conto.

ABSTRACT

This work presents the activities of Extension's Project "Histórias na Creche" promoted by the Núcleo da Hora do Conto of Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação of Universidade Federal do Rio Grande do Sul at the Creche Comunitária Amigo Germano of Porto Alegre - RS. It presents the theoretical referencial on the paper of the count of stories as bibliotherapy. It tells the verification if the count of stories acts as factor bibliotherapeutic in the children's bearers of special partner-economical-affectionate needs cognitive field, maintained by the Creche Comunitária Amigo Germano. The study aims at to rescue the lost affectivity in the daily of the children maintained by the Creche, seeking the emotional balance of the subject of the study through the counts of stories. Bibliographical, electronics, personal fonts and analysis of data collected the involved community close to, for direct observation and semi-structured interviews were used for the accomplishment of the study.

Key-Words: Bibliotherapy. Count of stories. Child. Creche Amigo Germano. Núcleo da Hora do Conto.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 BIBLIOTERAPIA	16
2.1 Histórico e Definições de Biblioterapia	16
2.2 Objetivos da Biblioterapia	18
2.3 Método Biblioterapêutico	20
2.4 Componentes Biblioterapêuticos	22
2.5 Aplicações da Biblioterapia.....	24
2.5.1 QUEM RECEBE?!	25
2.5.2 QUEM APLICA?!	27
2.6 Possíveis Efeitos da Biblioterapia	28
3 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS.....	33
3.1 Origens e Definições da Contação de Histórias	34
3.2 Aplicações da Contação de Histórias.....	36
3.3 O Contador de Histórias	37
3.4 Dinâmicas e Técnicas de Contação de Histórias	38
4 NÚCLEO DA HORA DO CONTO	42
4.1 Histórico do Núcleo da Hora do Conto.....	42
4.2 Objetivos do Núcleo da Hora do Conto.....	43
4.3 Principais Projetos de Extensão do NUHC	44
4.4 O Projeto de Extensão “Histórias na Creche”	45
5 CRECHE AMIGO GERMANO	48
5.1 Contextualização de Creche.....	48
5.2 A Creche Comunitária Amigo Germano	51
5.2.1 HISTÓRICO DA CRECHE AMIGO GERMANO	51

5.2.2 OBJETIVOS DA CRECHE AMIGO GERMANO	52
5.2.3 AS CRIANÇAS DA CRECHE AMIGO GERMANO	53
5.3 A Criança com Necessidades Sócio-Econômico-Afetivas Especiais	55
6 APLICAÇÃO DO INSTRUMENTO DE OBSERVAÇÃO	59
6.1 As Histórias Contadas	59
6.2 As Reações das Crianças nas Atividades de Contação de Histórias.....	60
6.3 Atitudes das Crianças com os Contadores de História	61
7 ANÁLISE DO INSTRUMENTO DE OBSERVAÇÃO	64
8 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	66
10 CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS.....	76
OBRAS CONSULTADAS	78
APÊNDICE - Entrevistas Semi-Estruturadas com a Diretora e a Monitora da Creche Amigo Germano	79

*A arte de contar histórias nos liga ao indizível e traz resposta às
nossas inquietações.*

(Cléo Busatto, 2003)

1 INTRODUÇÃO

Desde os tempos mais remotos, a leitura constitui-se essencial na vida humana. Há quem conteste essa colocação pelo fato de que o domínio da palavra escrita remonta de pouco tempo se comparado à idade do homem. Todavia, não há como negar e deixar de concordar com Paulo Freire na afirmação de que a leitura do mundo precede a leitura da palavra e, então, ambas seguem um curso contínuo, ininterrupto e inseparável. Assim, leitura é, antes de qualquer definição, a interpretação que se faz e se dá às experiências do mundo, sejam elas escritas, desenhadas, ouvidas, contadas ou sentidas.

Neste contexto, estabelecem-se áreas do conhecimento cujo foco central é a leitura, especialmente o ato de ler a palavra escrita. Dentre essas, a Biblioteconomia apresenta-se como uma das maiores responsáveis pelo “hábito” da leitura. Parece óbvio que lidar com livros em um local cheio de papéis, revistas, enciclopédias, informações – a biblioteca – somente surte êxito se o indivíduo for um leitor nato. Neste ponto, urge uma questão de primordial importância e que retoma a idéia inicial deste texto: o que é ler? Se a leitura for encarada como mera decodificação de símbolos escritos, com certeza, o bibliotecário é um leitor. Adquiriu o “hábito” da leitura. Contudo, se for tomado o conceito de interpretação, de assimilação de conhecimento, ler é mais do que estar cercado de livros, ler é sentir o mundo, inclusive pelos livros – sejam eles impressos ou eletrônicos. Assim, adquire-se o gosto pela leitura.

Diante desse panorama, encontra-se uma provável justificativa para a idéia de que ler e decodificar são sinônimos. Desde que foi descoberto o método científico, sempre passível de repetição idêntica por suas regras fixas, qualquer área do conhecimento que pretendesse ser considerada ciência deveria ser desprovida de

emoção e carregada de técnicas comprobatórias. Obviamente, a Biblioteconomia não se fez distinta, inserindo em seus paradigmas mecanismos puramente técnicos e voltados ao acervo.

Desde o Século XIX, Ranganathan observa a essencialidade do leitor/usuário em qualquer atividade da biblioteca ou unidade de informação e, desde 1904, a Biblioterapia é reconhecida como especialização da Biblioteconomia. Mas apenas há poucos anos e, em alguns casos, a organização da informação para disponibilização aos usuários, tem-se colocado como princípio norteador da Ciência da Informação.

Cabe salientar que nem sempre os usuários conhecem suas próprias necessidades. Por isso, é perfeitamente cabível ao profissional das Ciências da Informação, especificamente aos bibliotecários, incentivar os usuários de sua unidade de informação e qualquer outro sujeito a utilizar e a beneficiar-se dos dados disponíveis da biblioteca.

A contação de histórias é um dos meios mais eficientes e eficazes de tornar sujeitos imparciais em usuários do acervo de qualquer unidade de informação. Isto porque contar histórias é uma forma de incentivo à leitura e esta, por sua vez, visa à facilitação das pesquisas e buscas diversas dos usuários da informação. Assim, nada mais evidente do que os bibliotecários serem agentes da democratização da informação através da contação de histórias, seja como Biblioterapia, ludoterapia ou incentivadora da leitura e formadora de leitores.

Seguindo essa linha de pensamento, este trabalho iniciou por incentivo do Projeto de Extensão “Histórias na Creche”, realizado pelo NUHC (Núcleo da Hora do Conto) da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) na Creche Comunitária Amigo Germano, em Porto Alegre. O projeto trabalha com crianças entre três e seis anos de idade, portanto, no início da alfabetização, tanto das

leituras do mundo, quanto das palavras registradas. Apesar de serem iniciantes nas letras, a maioria já apresenta vasta experiência nas adversidades da vida, passando por dificuldades econômicas, exclusão social, abusos psicológicos, morais, físicos e sexuais. Por isso, pareceu uma alternativa bastante enriquecedora, verificar qual o papel que a contação de histórias representava na vida dessas crianças, através de atividades de contação de histórias realizadas em encontros quinzenais na Creche Comunitária Amigo Germano.

No ano de 2003, período em que o NUHC realizou atividades de contação de histórias na Creche, sem vínculo como projeto de extensão, foi possível detectar algumas reações peculiares por parte das crianças, justificando, então, uma verificação mais comprometida sobre o tema. Assim, esse estudo pretende avaliar, através da observação direta das crianças e das entrevistas com duas responsáveis pela Creche, a significação das histórias para as crianças, considerando todo o seu envolvimento, apesar das dificuldades múltiplas e apresentando-se com necessidades sócio-econômico-afetivas especiais.

Com o objetivo de verificar se as histórias podem auxiliar no desenvolvimento cognitivo das crianças, o trabalho apresenta uma contextualização sobre Biblioterapia, que se constitui no elemento principal do projeto “Histórias na Creche”. Além disso, apresenta um panorama sobre a contação de histórias, com seus objetivos, técnicas, processos e envolvimento, bem como a apresentação das atividades do NUHC, responsável pelo projeto realizado. Finalizando a estruturação do trabalho, apresenta-se um apanhado sobre aspectos essenciais da educação infantil, abrangendo a faixa etária entre três e seis anos e a delimitação do universo “creche”, na instituição “Creche Comunitária Amigo Germano”.

Esse trabalho de caráter qualitativo apresenta também as observações, com análise dos fatos e das entrevistas realizadas com a diretora e a monitora da Creche Amigo Germano.

Aborda-se, dessa forma, uma abrangência significativa dos fatores diretamente relacionados ao tema do estudo, com seus pontos-chave assim determinados: a biblioterapia, a contação de histórias, a Creche Amigo Germano, o Núcleo da Hora do Conto e a coleta, análise e apresentação dos dados oriundos das observações e entrevistas realizadas na Instituição.

A arte de contar histórias traz o contorno, a forma. Reatualiza a memória e nos conecta com algo que se perdeu nas brumas do tempo.

(Cléo Busatto, 2003)

2 BIBLIOTERAPIA

O termo Biblioterapia não é um vocábulo existente em dicionários de língua portuguesa. Ainda assim, é uma prática utilizada desde tempos remotos e cada vez mais difundida na sociedade, embora com nuances de aplicação e objetivos específicos diferenciados.

Neste prisma, apresenta-se uma contextualização histórica das definições, objetivos, métodos utilizados, componentes e possíveis efeitos da Biblioterapia.

2.1 Histórico e Definições de Biblioterapia

Etimologicamente, a palavra Biblioterapia vem do grego *biblio* e *therapêia*, respectivamente 'livro' e 'terapia', constituindo-se assim na terapia por meio de livros.

A Biblioterapia como prática de recuperação terapêutica é bastante recente, data do Século XIX. No entanto, desde a Idade Antiga e Idade Medieval, as bibliotecas tinham inscrições de estímulo à leitura, tratando os livros como remédios da alma. (RATTON, 1975).

A partir do início do Século XX, as práticas biblioterápicas começaram a ser difundidas, especialmente nos EUA, através dos encarregados de bibliotecas hospitalares, despertando o interesse de várias áreas profissionais.

Em 1904, a Biblioteca McLean Hospital, em Massachussets iniciou um programa envolvendo os aspectos psiquiátricos da leitura.

A Meninger Clinic, em 1940, voltou seus interesses para a Biblioterapia a fim de torná-la uma Ciência. Com a expansão da prática, surgiu a necessidade de conceituar o termo para aproximar o empirismo da ciência e validar a aplicação. A primeira definição é de 1941, do Dorland's Illustrated Medical Dictionary: emprego de livros e de sua leitura no tratamento de doenças mentais. A partir daí, surgiram novos conceitos que redirecionaram a definição para outros campos e não só as doenças mentais.

Entende-se também Biblioterapia, conforme o Webster's Third International Dictionary (1961), como o uso de materiais de leituras selecionados como auxiliares terapêuticos em medicina e psiquiatria, bem como o auxílio na solução de problemas por meio da leitura dirigida.

Já o Dicionário de Bibliotecología de Domingo Buonocore (1976), apresenta a Biblioterapia como "a arte de curar as enfermidades por meio da leitura".

Para Ouaknin (1996), Biblioterapia significa tratamento através do livro, ou seja, a utilização de materiais de leitura como auxiliares em tratamentos medicinais e psiquiátricos.

Basicamente, o uso dos livros funciona como coadjuvante na recuperação emocional dos doentes e dos portadores de necessidades especiais. Essa recuperação é constituída pelo fortalecimento psicológico fornecido pela leitura, seja dirigida (indicada por profissionais) ou espontânea (escolhidas pelo próprio sujeito, a princípio, sem intenção terapêutica).

Ainda assim, as definições apresentadas comumente para a prática da Biblioterapia são restritas, pois a leitura deve ser, antes de mais nada, uma conversa com o livro, com o contador, com o autor de qualquer texto, seja este escrito, falado, desenhado. Nesse sentido, a Biblioterapia é estabelecida pela dicotomia ler e curar,

em ciclo contínuo. Por isso, o ser humano é considerado uma criação contínua, em incessante movimento de tornar-se. Esse “tornar-se” é o foco da Biblioterapia, porque é o “iniciar da cura, do transformar pela leitura”.

Cabe aqui salientar que se entende leitura muito além da decodificação simplista de códigos escritos. Para isso, basta retomar as sociedades ágrafas que possuem sistemas de leitura para comunicar-se e preservar a memória. Nesses termos, ler é decifrar o mundo.

Já a terapia é o cuidado no sentido mais amplo possível, é atenção, é encaminhamento para a cura, é busca da saúde e da salvação. Conforme Ouaknin (1996, p.12), “a palavra ‘terapia’ tem essencialmente um sentido curativo. O remédio e o médico vêm para ‘reparar’ uma ‘fratura’ do corpo, do espírito ou da alma”. Entende-se então que curar alguém é fazê-lo respirar e o **sopro da vida** passa pelo **sopro da palavra** que anima e informa o corpo.

Assim, a Biblioterapia é uma forma privilegiada de entender o mundo, de entender-se um pouco melhor e, por isso, cura.

2.2 Objetivos da Biblioterapia

Caldin (2001) apresenta uma compilação bastante válida dos objetivos da Biblioterapia a partir dos conceitos mais relevantes sobre a leitura como função terapêutica.

Autor	Conceito	Objetivo
Alice Bryan	Prescrição de materiais de leitura que auxiliem a desenvolver maturidade e nutram e mantenham a saúde mental.	Permitir ao leitor verificar que há mais de uma solução para o seu problema; auxiliar o leitor a verificar suas emoções em relação às emoções dos outros; pensar na experiência vicária

		em termos humanos e não materiais; proporcionar informações necessárias à solução de problemas e encorajar a encarar sua situação de forma realista, conduzindo sua ação.
L. H. Twefford	Método subsidiário da psicoterapia; auxílio no tratamento em que busca aquisição de conhecimento melhor de si mesmo e das reações dos outros, resultando em um melhor ajustamento de vida.	Introspecção para o crescimento emocional; melhor entendimento das emoções; verbalização e exteriorização dos problemas; afastamento da sensação de isolamento; verificação de falhas alheias semelhantes as suas; aferição de valores; realização de movimentos criativos e estímulo de novos interesses.
Kenneth Appel	Uso de livros, artigos como coadjuvantes no tratamento psiquiátrico.	Capacitar o indivíduo a se conhecer melhor; proporcionar a familiarização com a realidade externa; provocar a liberação de processos inconscientes.
Louis Gottschalk		Auxiliar o paciente a entender melhor suas reações psicológicas e físicas de frustração e conflito; ajudar o paciente a conversar sobre seus problemas; favorecer a diminuição de conflito pelo aumento da auto-estima ao perceber que seus problemas já foram vividos por outros.
Louise Rosenblatt	Analisa a literatura ficcional como ajuda para o ajustamento social e pessoal. Literatura imaginativa útil para ajudar o indivíduo tanto em seus conflitos íntimos como em conflitos com os outros.	Cura: aumentar a sensibilidade social, ajudar o indivíduo a se libertar dos medos e das obsessões de culpa, proporcionar a sublimação por meio da catarse, levar o ser humano a um entendimento das reações emocionais. Prevenção: prevenir o crescimento de tendências neuróticas, conduzir a uma melhor administração dos conflitos.
Orsini	Técnica que pode ser utilizada para fins de diagnóstico, tratamento e prevenção de moléstias e de problemas pessoais.	Intelectuais: aquisição de fatos, conhecimentos e insight intelectual, para auxiliar o autoconhecimento e favorecer a solução de problemas. Sociais: afetam atitudes e valores e reforçam padrões sociais e culturais Emocionais: crescimento e desenvolvimento emocional, possibilitando experiências de vida poupando as pessoas de exporem-se aos perigos do mundo real. Comportamentais: crescimento

		em padrões de reação e construção de condutas do ser humano como um todo.
Caldin	Leitura dirigida e discussão em grupo, que favorece a interação entre as pessoas, levando-as a expressarem seus sentimentos, angústias, receios e anseios.	Proporcionar uma forma de as crianças comunicarem-se, de perderem a timidez, de exporem seus problemas emocionais e físicos.
Mattews; Londslale	Terapia de leitura imaginativa, que compreende a identificação, projeção, introspecção e catarse.	Ligação personagem x leitor para entender e educar emoções, resposta emocional.
Caroline Schrodes	Processo dinâmico de interação entre a personalidade do leitor e a literatura imaginativa que pode atrair as emoções do leitor e liberá-las para o uso consciente e produtivo.	Terapia de crescimento: para educar e divertir. Terapia factual: para informar e preparar o paciente para o tratamento hospitalar. Terapia imaginativa: para explorar os sentimentos e tratar de problemas emocionais.

Quadro 1: Conceitos e Objetivos da Biblioterapia

Diante do exposto, percebe-se que a Biblioterapia tem por objetivo central e de senso comum entre os especialistas proporcionar o prazer, o ludismo ao leitor, favorecendo assim o crescimento emocional e cognitivo do sujeito, através do autoconhecimento. Com esse foco primordial, os resultados esperados – a cura, a terapia – são passíveis de serem obtidos.

2.3 Método Biblioterapêutico

Embora o termo “método” retome a lembrança de regras fixas e pré-estabelecidas, o método biblioterapêutico constitui a dinamização e ativação existencial por meio da dinamização e ativação da linguagem. Retoma-se aqui a idéia de que a palavra é o sopro da vida do homem, verificada nas definições de Ouaknin.

A princípio, a leitura é um acontecimento individual e solitário, um encontro do eu consigo mesmo, para ocorrer assimilação. Todavia, a leitura é também um evento público compacto ou diversificado para “lerem” uma contação de histórias pela voz de um contador ou narrador. Em ambas as tipologias de leitura, a interpretação é a parte principal e é essa ação interpretativa que constitui a terapia.

Nesse ponto, a Biblioterapia é fundamentalmente diálogo, pois diálogo implica em mensagem codificada transmitida por um meio qualquer e somente concluído no instante do recebimento desta mensagem por uma decodificação do receptor. A decodificação é a interpretação, é a resposta às perguntas emanadas no início do diálogo. Esta resposta nem sempre é imediata e estrondosa. Pode ser tão simplesmente um perceber diferente do contexto que envolve o indivíduo. Por isso Biblioterapia, por isso ler e curar.

Ler é um ato gratuito. A leitura obedece ao princípio do prazer. Não é uma obrigação. A noção de prazer é compatível com a do esforço. Cada descobrimento adquirido pelo esforço provoca prazer e que o prazer é o combustível do esforço. [. . .] Ler é um ato de resistência. (Daniel Penac¹ *apud* GRITTI, 2002, p. 141)

Assim, no diálogo biblioterapêutico é o texto que abre espaço para os comentários e interpretações que propõem uma escolha de pensamento e de comportamento em um pluralismo de verdades e visões de mundo.

2.4 Componentes Biblioterapêuticos

Vou contar-lhes histórias para acordá-los e para curá-los. As mulheres estereis darão a luz, os mudos falarão. As mulheres estereis reencontrarão os caminhos da fecundidade porque reencontrarão os caminhos da palavra.

¹ PENAC, Daniel. *Como uma novela*. Barcelona: Anagrama, 1993

A soltura do corpo será feita por meio do desenlaçamento e do desenredamento das palavras. (Rabi Naham de Braslav apud Ouaknin, 1996, p. 141)

Braslav introduz e ilustra exatamente o sentido dos seis componentes biblioterapêuticos, visto que encerra em sua observação a síntese de identificação, introjeção, projeção, catarse, introspecção e humor, responsáveis pelo êxito da Biblioterapia.

O primeiro componente a ser apresentado é a **identificação** que, de acordo com Laplanche e Pontalis² (apud Caldin, 2001) “é um processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro”. Assim, ler biblioterapeuticamente passa por uma transformação a partir da criação interpretativa. Ocorre o desmonte da situação/emoção anterior para então formar-se a recriação em que o leitor/ouvinte se inventa de outro modo, criativamente, em um não-lugar, ou seja, em uma fronteira que não estabelece nem saber, nem lugar, apenas permite o estabelecer-se. Como um axioma filosófico que garante que um mais um não é igual a somente dois, já que a identificação ultrapassa a soma, a simples junção e – sim – cria um terceiro elemento maior e mais complexo que os dois iniciais. Nesse sentido, Gutfreind (2003) coloca que os processos de identificação podem manifestar-se como imitação do contador de histórias ou biblioterapeuta. Todavia, a identificação pode também ocorrer com as personagens da história, ou mesmo com a situação que contextualiza e envolve o texto. Acrescenta-se então a idéia de que a criança pode ainda obter um alívio a partir de certas ações das histórias, relacionado ao fato de se sentir menos sozinha em sua

² LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, J. B. *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1994. p. 226.

angústia. Freud³ (1920) apud Gutfreind (2003, p.195) observa que “o fato de a criança pedir para ouvir a mesma história, no caso de ter gostado dela, revelaria, da mesma forma, que encontrar uma identidade constitui em si mesmo uma fonte de prazer”.

O segundo elemento está diretamente relacionado e dificilmente isolado da identificação. A **introjeção**, assim, consiste em uma investigação analítica na qual o sujeito faz passar, de fora para dentro, objetos e qualidades inerentes a esses objetos.

O terceiro componente biblioterapêutico constitui-se na **projeção**. Dessa forma, projetar é transferir aos outros nossas idéias, sentimentos, intenções, expectativas e desejos. É a operação pela qual o sujeito expulsa de si e localiza no outro – pessoa ou coisa – qualidades, sentimentos, desejos e mesmo objetos que desconhece ou recusa nele próprio.

O **efeito catártico** evidencia-se pelo processo emocional de identificação com atitudes como culpa, ansiedade, tensão, expressão da raiva contra o personagem ou autor, finalizando com um processo de transferência. Assim, ocorre a pacificação, serenidade e alívio das emoções, partindo-se para a introspecção e assumindo uma função libertadora. Este é o quarto elemento formador da Biblioterapia e talvez o mais significativo.

Também chamado de “insight”, o quinto componente biblioterapêutico – a **introspecção** - caracteriza-se por ser o momento em que o indivíduo passa a refletir

³ FREUD, S.(1920) Au-delá du principe de plaisir. In: *Essais de psychanalyse*. Paris: Payot, 1981.

sobre seus sentimentos. Assim, evidencia-se o auto-reconhecimento nas situações apresentadas, a incorporação de novos conceitos e a integração da maior personalidade do indivíduo. Concretiza-se então a terapia fazendo despontar a possibilidade de mudança comportamental.

Nem sempre citado como componente biblioterapêutico, o **humor** nos textos constitui uma possibilidade terapêutica por meio da leitura. O humor, como em certas ocasiões, a metáfora, configuram-se na rebelião do ego contra as circunstâncias adversas. Freud⁴ (1927) apud Gutfreind (2003, p. 190) e Caldin (2001) observa o humor como um triunfo do ego que se recusa a sofrer e um ganho de prazer.

2.5 Principais Aplicações da Biblioterapia

Paradoxalmente ao que se pensa, a Biblioterapia tem aplicações quase que infinitas. Aliás, no processo prático da cura pela leitura, a Biblioterapia aplica-se mais efetivamente a quem aplica do que a quem recebe o tratamento. Todavia, essa idéia geraria uma outra pesquisa e, nesta, atém-se tão somente aos sujeitos que são aconselhados a receber e aos que são habilitados a aplicar a Biblioterapia.

Assim, apresenta-se um breve relato de estudos realizados sobre a aplicação da Biblioterapia em PNEEs e quem são os profissionais responsáveis pelo exercício

⁴ FREUD, S. (1927) L'humour. In: *L'inquiétante étrangeté et autres essays*. Paris: Gallimard, 1985.

da prática biblioterapica.

2.5.1 QUEM RECEBE?!

A Biblioterapia deve ser entendida como uma prática social que oferece a reintegração social, agindo no conjunto de um tratamento pelos componentes biblioterapêuticos. Assim, pode ser utilizada na educação, na reabilitação e na terapia propriamente dita, em indivíduos nas diversas faixas etárias, com doenças físicas ou mentais. (RATTON, 1975).

Caldin (2001) verificou a Biblioterapia sendo utilizada em hospitais, asilos, prisões, tratamento de jovens delinqüentes, crianças com problemas psicológicos, deficientes físicos, cegos, pessoas com doenças crônicas e viciados, considerados como PNEEs (Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais).

As principais aplicações foram detalhadas por Schroder, conforme listagem explicitada por Caldin (2001):

- Moore (1849) – tratamento de delinqüentes juvenis;
- Menninger – Biblioterapia como forma de oportunizar a recreação e interação social;
- Schenek – auxílio psicológico no tratamento hipoglicêmico da esquizofrenia e no tratamento de depressão;
- Quint – utilizou a Biblioterapia nos pacientes dementes, em seus momentos de

lucidez como método de trazê-los de volta à realidade;

- Kircher – utilizou nas escolas, como alívio psicológico através da vivência de emoções do herói como um meio de libertar emoções do leitor, mesmo a leitura não produzindo uma reação imediata;
- Auerbach – leitura como higiene mental; sua teoria é que a Biblioterapia não funciona em indivíduos severamente perturbados emocionalmente ou neuróticos;
- Schrodes – utilizou a Biblioterapia em casos individuais; escolheu cinco estudantes em um grupo de 50, explorou a teoria e a prática da Biblioterapia em jovens e adultos saudáveis;
- Alves (1982) – discutiu o papel da Biblioterapia nas prisões. Considerou necessário à reeducação do presidiário o direito à leitura como fonte de informação e como fator de diminuição do estresse advindo de sua situação de perda da liberdade;
- Fernández Vasquez (1989) – trabalhou a Biblioterapia com idosos;
- Pereira (1996) – trabalhou a Biblioterapia com cegos, como auxílio na sua integração à sociedade;
- Seitz – utilizou a Biblioterapia na clínica médica do hospital universitário de Santa Catarina, verificando que a prática biblioterapêutica foi útil como fonte de lazer e informação e também na integração entre bibliotecário, médico, enfermeiros e no processo de socialização dos pacientes. Enfocou a Biblioterapia como fonte de lazer e humanização do hospital;
- Caldin – no Projeto de Literatura Infantil e Medicina Pediátrica da PUCRS

(Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul), bem como em outros hospitais de Porto Alegre e Joinville, constatou que as histórias lidas às crianças amenizaram sua situação de temporária fragilidade física e emocional e proporcionaram alívio temporário das dores e dos medos advindos da doença e do ambiente hospitalar; o resgate do sonho, do imaginário e do lúdico forneceu um suporte emocional às crianças enfermas;

2.5.2 QUEM APLICA?!

Com relação a quem deve aplicar a Biblioterapia existem vários paradoxos formados. Dessa forma, parece mais correto e relevante constituir a Biblioterapia como uma atividade interdisciplinar que pode ser desenvolvida com a Biblioteconomia – que desde 1904 tem a terapia da leitura como um ramo de especialização reconhecido (ORSINI,1982,p.140), a Literatura, a Educação, a Medicina, a Psicologia e a Enfermagem, entre tantas outras áreas que possam interessar-se.

Essa multidisciplinaridade empresta à Biblioterapia uma posição destacada em estudos culturais, permitindo a busca de aliados em vários campos e um exercício aberto a críticas, contribuições e parcerias.

2.6 Possíveis Efeitos da Biblioterapia

Os efeitos da prática biblioterapêutica parecem um tanto abstratos em um primeiro momento, visto que tanto seu objeto – **a palavra** – como seu objetivo – **a cura** – não são fisicamente mensuráveis. Todavia, a partir da idéia de Biblioterapia como prática de reintegração social e agente de inclusão percebe-se uma dimensão tão abrangente que ultrapassa os conceitos de seus termos etimológicos **livro/leitura e terapia/cura**.

Tomando-se como base a noção do homem em movimento e de sua totalidade mente x corpo ser maior do que ele próprio, a Biblioterapia apresenta tantos benefícios quanto imagináveis, de acordo, obviamente, com a capacidade e/ou predisposição individual do leitor/ouvinte. Se curar é traduzir a partir e para si mesmo o que foi lido ou ouvido, pressupõe-se que existam vantagens infindáveis na leitura como cura. Algumas delas podem ser apresentadas mais como ilustração do que como tentativa de esgotar o tema. São elas:

- A leitura é um instrumento de desenvolvimento humano pela possibilidade de construção de uma ética de relacionamento do homem: consigo, com o outro, com o mundo social mais amplo e com as questões existenciais universais. Por isso Biblioterapia!
- A leitura é uma operação de disseminação que restitui a vida, o movimento e o tempo no coração mesmo das palavras; é assim que ela as constitui como obras de arte e as subtrai aos riscos do ídolo.
- A leitura faz bem ao coração: as vantagens estão no próprio prazer da narrativa,

na possibilidade do texto oportunizar a catarse de conflitos, de emoções e até da agressividade.

- Um bom livro pode levar a formular melhor algumas questões emocionais de forma segura, pois enfrenta-se de um jeito impessoal, como se fossem relatadas situações das personagens e não das próprias pessoas.
- Favorece a mudança de comportamento através do autoconhecimento e utilizando as qualidades racionais e emotivas dos indivíduos que se submetem a ela.
- Toda pessoa, ao ler, constrói um texto paralelo intimamente relacionado ao texto que está sendo lido. Este texto paralelo está intimamente relacionado às suas experiências e inteligência que, na verdade, inclui também a empatia e a identificação.
- Possibilidade de se conhecer e sentir experiências em segurança (sem a necessidade de passar por elas), e que pode prevenir o indivíduo de possíveis conseqüências de suas ações.
- Compreensão de problemas sociais de épocas diferentes, levando a mais fácil adaptação.
- Superação de uniformidade do ambiente ao qual pertence, criando condições de liberdade de escolha, inclusive profissional.
- Transposição sem mobilidade no espaço para ambientes diferentes, pelo acesso a informações de outros costumes, de outras regiões.
- Amplitude de visão pelo conhecimento e comparação de pontos de vistas alheios,

com o do próprio indivíduo.

- Aumento da auto-estima, pela superação de sentimentos de culpa, de ser diferente ou de inferioridade, desde que se possa constatar que os problemas humanos são universais.
- Clareamento de problemas difíceis de serem formulados.
- Desenvolvimento de atitudes sociais desejáveis e escolha de valores, facilitado pela identificação de personagens de livros adequados.
- Estímulo para a criatividade.
- Ampliação de possibilidade de comunicação pelo enriquecimento do vocabulário, conhecimento de formas de expressão e aquisição de novas idéias.
- Facilitação de participação na vida comunitária, sobretudo pela leitura de revistas e jornais da atualidade.
- Satisfação das necessidades estéticas, emocionais e intelectuais, fazendo decrescer a frustração e a ansiedade.
- Aquisição de conhecimentos necessários ao desempenho das funções tanto na vida diária quanto profissional.
- Desenvolvimento da capacidade crítica, pela obtenção de grande número de informações diversificadas e às vezes contraditórias.

Enfim, a eficácia da Biblioterapia fundamenta-se na capacidade de transformação da pessoa humana em consequência do diálogo interior, muitas vezes dinamizado pela presença de um outro – pessoa ou texto. As histórias são,

muitas vezes, essa voz que vem de fora para contar que se é a própria voz, o bem, a ajuda e o melhor amigo que se pode dar e ter. As histórias tornam-se terapêuticas (ou não) pela atitude que se tem diante e com elas.

*O contador de histórias trabalha muito próximo da essência, e
essência vem a ser tudo aquilo que não se aprende, aquilo que é por si
só.*

(Cléo Busatto, 2003)

3 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Ouvir histórias não é apenas uma questão que se restringe a ser alfabetizado ou não. O primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente, através da voz da mãe, do pai ou dos avós, contando contos de fada, trechos da bíblia, histórias inventadas (tendo a criança ou os pais como personagens), livros atuais e curtinhos, poemas sonoros e outros tantos contados nos momentos mais inesperados ou muito esperados.

Ler histórias para crianças sempre é suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras idéias para solucionar questões (como as personagens fizeram). É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivem e atravessam – de um jeito ou outro – através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (cada uma a seu modo). É a identificação com uma ou outra personagem de acordo com o momento correspondente da vida da criança e, assim, o melhor esclarecimento das próprias dificuldades ou o encontro de um caminho para a resolução delas.

É ouvindo histórias que se pode sentir emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranqüilidade e tantas outras mais no contato e vivência profundos das narrativas. Ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário, trabalhando conflitos da vida real.

Uma das atividades mais fundamentais, significativas, abrangentes e suscitadoras dentre tantas outras é a que decorre do ouvir uma boa história, quando

bem contada. Como disse GRITTI (2002, p. 147): “Quando uma criança escuta, a história que se lhe conta penetra nela simplesmente, como história. Mas existe uma orelha detrás da orelha que conserva a significação do conto e o revela mais tarde.”

Esse é o significado maior da contação de histórias! Isso é Biblioterapia!

3.1 Origens e Definições da Contação de Histórias

Contar histórias, segundo Sisto (2001, p.16), “é a possibilidade de formar leitores, num verdadeiro ato de subsistência, não só do já inventado, mas do universo que as palavras transcriam para levantar”.

A contação de histórias é um recurso utilizado desde as épocas mais remotas. A oralidade foi, durante muito tempo, a única forma de comunicação e expressão da humanidade, bem como o único suporte para registrar-se a história. Os contadores de histórias foram pessoas essenciais em qualquer sociedade até o dia em que os antropólogos, folcloristas, historiadores, literatos, lingüistas e outros entusiastas do imaginário popular saíram pelo mundo a fim de registrar as histórias até então somente orais, pela escrita ou por outras tecnologias.

Conforme Busatto (2003), os contos surgiram da necessidade das pessoas em explicar os elementos da natureza e seus fenômenos, a origem das coisas, bem como a sua própria origem. Tudo isso era perpetuado através da contação de histórias, pela oralidade. Acredita-se que o Oriente tenha sido o berço dos contos, da oralidade, da contação de histórias, fato este que é justificado pelas datas das civilizações, seus costumes, valores e crenças.

Como não recordar de Sherazade escapando da desconfiança e desejo assassino de seu sultão, o rei Shariar, por meio das histórias de “As Mil e Uma Noites”?! Logicamente, Sherazade não tinha como ler tantas histórias e nem mesmo como inventá-las, por mais fértil que fosse sua imaginação. Todos os contos foram sendo transmitidos oralmente por inúmeras gerações, sem autor definido e único. As histórias de “As Mil e Uma Noites” fazem parte da tradição oral do povo árabe, com seus contadores de histórias que reuniam multidões nas ruas e mercados. Assim, Sherazade e qualquer contador de histórias é aquele que descobriu que brincar com as palavras é prazeroso, provoca paixão em sentir-se co-autor e conquista mais um dia de vida pela expectativa do ouvinte em escutar, no dia seguinte, mais uma história.

Segundo a tradição oral africana, a palavra falada contém o hálito, elemento vital que desaparece dela quando escrita. Ao contrário do ponto de vista mais comum, que tende a considerar válido apenas o que documentado por escrito, certos conhecimentos milenares só podem ser transmitidos numa troca interpessoal, para que haja a força da troca vital entre duas ou mais pessoas.

Atualmente, a contação de histórias constitui-se em um recurso quase sem espaço, já que vivemos em uma sociedade marcada pela escrita, pelo fato de que ler reduz-se ao mero ato de decifrar símbolos da linguagem escrita. As imagens prontas, as palavras frouxas, a televisão, a Internet fazem com que as sociedades esqueçam do hábito de ler o olhar, ler o movimento e praticar o contar.

O processo de contar histórias ultrapassa a leitura em voz alta de um texto qualquer. Contar histórias é, antes de tudo, despertar a imaginação. O contador é o personagem central do texto, é o autor daquilo que conta, mas nunca maior do que aquilo que é contado. Nesse sentido, contar uma história não é interpretá-la ou

representá-la, inculcando-lhe morais, lições e cobranças que irão matar a contação. Narrar não pressupõe decorar o que foi previamente lido, entrevê, sim, o estudo da mensagem, fazendo o contador vivenciá-la, emocionar-se com o texto e passar a essência do enredo ao ouvinte. Essa emoção do contador ocorre pela identificação e conseqüente flexibilidade na hora da contação, fazendo e promovendo a imaginação pelo tom de voz, pelo movimento corporal, pelo espaço físico e pela proximidade do contador com o ouvinte.

3.2 Aplicações da Contação de Histórias

Contar histórias é uma atitude multidimensional. Ao contar histórias atingimos não apenas o plano prático, mas também o nível do pensamento e, sobretudo, as dimensões do mítico-simbólico e do mistério. (OUAKNIN, 1996).

Dessa forma, a contação de histórias apresenta diversas nuances e formas de aplicação: a formação psicológica, intelectual e espiritual do ser humano; a valorização das diferenças étnicas, culturais e religiosas; a introdução de conceitos éticos. Contar histórias presta-se também à formação de leitores, ao encantamento e à sensibilização do ouvinte, ao estímulo do imaginário e articulação do sensível. (BUSATTO, 2003). Principalmente, contar histórias é o elemento-chave da Biblioterapia, pois toca o coração, alimenta o espírito, resgata significados para nossa existência, reativa o sagrado.

Contar histórias cura! Quem conta, quem ouve, quem sente cura-se pela terapia do contar, pela Biblioterapia, afinal, como afirma Ouaknin (1996, p. 185), “não existe livro sem uma ‘boca’ para lê-lo; não existe livro sem interpretação”.

3.3 O Contador de Histórias

De acordo com Sisto (2001), para um contador é essencial seguir os rituais do autoconhecimento, da observação do outro, de abrir o imaginário com a chave que cada um escolher. Ainda afirma que “perceber uma história como se percebe a batida do coração e os estímulos nervosos do cérebro não é apenas decodificá-la, é recheá-la de vida e de humanidade”. (SISTO, 2001, p. 34).

Cabe ainda salientar que contar histórias jamais é uma opção ingênua, mas é sim uma maneira de olhar o mundo. As escolhas do contador, portanto, revelam-no, como se ele nascesse a cada história que conta. Afinal, a história tem de preencher no contador alguma coisa que provavelmente lhe falta.

Não existem regras ou receitas prontas e imutáveis, pois o ato de contar histórias é uma mobilização de diversas forças, que oferecem infinitos modos de leituras e de contação. Por isso, uma mesma história não será nunca contada da mesma forma por diferentes contadores e nem mesmo por um único contador em momentos não coincidentes.

Realmente, a contação de histórias é uma arte e o contador, o artista da palavra, que é a sua única medida para comunicar-se com o(s) ouvinte(s), por sua identificação com o texto, o autor, o tema, a situação ou a mensagem que gostaria de passar ao outro ou a si mesmo. Em essência, o que importa é saber que o porquê de contar (essa ou aquela história) é porque essa história emociona a quem conta antes de qualquer outro.

Isso é o que nos interessa: a emoção despertada em nós pelo texto. E é preciso pensar aqui – a despeito da nossa tradição cultural “popular” que rejeita tudo o que é triste ou mais reflexivo – que emoção não é só aquilo que provoca lágrimas, que nos faz chorar, não! O riso é emoção. O medo, o pavor, o pânico, a admiração, o encantamento, a reflexão... tudo isso são maneiras de emoção. (SISTO, 201, p.43)

Enfim, o contador deve assumir que a história tem sempre que ser MAIOR que sua expectativa e sua facilidade em contá-la. Para isso, deve encarar o seu corpo inteiro como parte da história: a voz, os gestos e, principalmente, o olhar multifacetado e multifocado para o público, para si mesmo, para suas imagens mentais da história.

3.4 Dinâmicas e Técnicas de Contação de Histórias

A atividade de contação de histórias pode ser realizada de formas variadas e com a utilização de alguns recursos a fim de dinamizá-los.

De acordo com Vicari; Moro (2002) existe uma fundamental importância em trabalhar as diversas dinâmicas de contação, pois são recursos de grande auxílio aos contadores para interagir e conquistar os leitores.

Existem algumas técnicas utilizadas para a contação. Isso não significa que somente as citadas poderão ser praticadas, pois depende da maneira de narrar e as técnicas podem ser inventadas e experimentadas.

Na narrativa, o mais importante é o conhecimento do narrador em relação ao texto, o espaço e o público a ser narrado. De acordo com Saldanha; Moro (2004), podem-se destacar algumas dinâmicas como:

- a) Narrativa simples: é a mais antiga forma de contação de histórias. O único recurso exigido é a voz do contador, além de sua expressão corporal, sem excessos. Não requer a utilização do livro, mas é preciso que ele seja

apresentado: seu título, seu autor, seu ilustrador, para que o público saiba de onde surgiu a história e que tem possibilidade de encontrá-la;

- b) Narrativa com o livro: essa narrativa utiliza a voz do narrador, juntamente com o livro. Neste caso, o livro é um grande complemento para a narração, pois será apresentado do início ao fim da narrativa. Para tanto, é preciso que tenha imagens gráficas tão ricas quanto o conteúdo que se apresenta;
- c) Gravuras: muitos livros têm as ilustrações pequenas e então se pode utilizar como recurso a reprodução e ampliação de gravuras que servem como um excelente recurso para a narração de histórias;
- d) Flanelógrafo e avental: este segundo é mais utilizado devido à facilidade para movimentação do contador. São utilizados para ambos, materiais de flanelas em que as figuras podem entrar e sair de cena durante a narração. O flanelógrafo é um quadro fixo revestido por flanela em que somente as gravuras podem ser deslocadas, enquanto que o avental tem o formato de um avental comum, utilizado pelo narrador, anexando as gravuras ao mesmo;
- e) Narração com interferência: essas histórias são narradas, contudo o mais importante é a interferência do ouvinte, através de sons, ruídos, músicas e gestos;
- f) Álbum seriado e sanfonado: a diferença entre os dois é que no primeiro a história é narrada e as figuras são visualizadas em forma de bloco e no segundo as figuras são apresentadas em forma de sanfona durante a narração;
- g) TV: esse recurso pode ser facilmente confeccionado, utilizando uma caixa de papelão, desenhando as gravuras em um papel em formato de rolo. À medida

que vai se realizando a narrativa, as figuras vão passando na seqüência de um rolo, de acordo com o decorrer da história.

Existem muitas outras técnicas, que podem ser confeccionadas de acordo com a criatividade do contador e de acordo com o tipo de história.

As dinâmicas devem ser realizadas de acordo com o ambiente e com o público que se está querendo atingir e são de grande importância a partir do momento em que possibilita à criança entrar e viajar nas histórias de uma forma lúdica. As dinâmicas propiciam que a criança brinque com a história, visualize os personagens e vivencie a história de forma efetiva. Dessa forma, as dinâmicas auxiliam o narrador a proporcionar, através da história, momentos de prazer e de ludismo.

O contador de histórias nos faz sonhar porque ele consegue parar o tempo nos apresentando um outro tempo.

(Cléo Busatto, 2003)

4 NÚCLEO DA HORA DO CONTO

A UFRGS, através da PROEXT (Pró-Reitoria de Extensão) desenvolve e apóia ações extensionistas: projetos, programas, cursos, eventos e atividades sociais, educativas e artístico-culturais voltadas tanto para a comunidade universitária, quanto para a sociedade em geral. Neste panorama, inclui-se o NUHC, atuando com projetos de extensão de prestação de serviços para a comunidade, através de cursos de qualificação e atividades de contação de histórias e dinâmicas de leituras.

O NUHC é um grupo multidisciplinar vinculado ao DCI (Departamento de Ciências da Informação) da FABICO (Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação) da UFRGS, que visa à disseminação da leitura em seus variados meios, suportes e recursos, nos mais diversificados ambientes, sejam escolas, creches, hospitais, feiras de livro, bibliotecas escolares, bibliotecas públicas, bibliotecas comunitárias, bibliotecas especializadas, asilos, entre outros.

Para a concretização desse objetivo central são promovidos cursos de extensão através de oficinas de contação de histórias, cursos de qualificação para profissionais da comunidade e demais interessados na disseminação da leitura.

4.1 Histórico do Núcleo da Hora do Conto

O NUHC tem suas primeiras atividades datadas da década de 70, através da disciplina Sistemática da Literatura Infantil, ministrada pela professora Zahyra de Albuquerque Petry, para os alunos do curso de Biblioteconomia da UFRGS. A partir

de 1987, foi criado oficialmente como Núcleo de extensão da UFRGS, tendo por finalidade a realização de contação de histórias para os públicos infantil, juvenil e idoso, bem como o oferecimento de oficinas e cursos sobre técnicas e dinâmicas de narração.

A coordenação é realizada pela professora do curso de Biblioteconomia Eliane Lourdes da Silva Moro, desde 1998. Antes dela, as coordenadoras foram as professoras Zahyra Albuquerque Petry, Martha Eddy Kling Bonotto e Itália Maria Falceta da Silveira. Atualmente, conta com quatro bolsistas de extensão pela PROEXT, acadêmicos dos cursos de Biblioteconomia, Publicidade e Propaganda e Pedagogia e aproximadamente 15 bolsistas voluntários (dos cursos de Biblioteconomia, Publicidade e Propaganda, Pedagogia e Psicologia) e uma professora do curso de Biblioteconomia.

4.2 Objetivos do Núcleo da Hora do Conto

Os principais objetivos do NUHC são:

- a) estimular o prazer da leitura em crianças, através de um enfoque lúdico e prazeroso;
- b) incentivar e promover a leitura, formando leitores e despertando o desejo de ouvir e ler histórias;
- c) oportunizar aos alunos de Biblioteconomia e outros cursos de áreas afins, a experiência com promoção da leitura e a prática de atividades de contação de histórias, desenvolvidas nas mais diferentes instituições e com diversidade de público leitor;

d) recuperar o clima afetivo entre o leitor, o livro e a leitura, através da contação de histórias.

4.3 Principais Projetos de Extensão Desenvolvidos pelo NUHC

O NUHC tem como foco três projetos de extensão, vinculados à PROEXT: o Projeto “Histórias na Creche”, projeto realizado na Creche da Instituição Amigo Germano, o Projeto “Era Uma Vez... A Visita da Fantasia”, com atividades de contação de histórias semanalmente na Pediatria do HCPA (Hospital de Clínicas de Porto Alegre), e o “Sala de Leitura Tabajara Ruas”, que se responsabiliza pela organização e tratamento do acervo bibliográfico disponibilizado aos pacientes internados no 8º andar do HCPA.

O Projeto “Era Uma Vez:. . . A Visita da Fantasia” tem por objetivo principal levar a leitura como um método terapêutico, em que o momento das histórias é o momento de descontração, de alívio da dor, de poder viajar, compartilhar as mesmas situações com os colegas de leito. As atividades de contação de histórias realizam-se sem interrupções, mesmo durante as férias letivas, todas as sextas-feiras em três momentos: na Recreação, envolvendo todas as crianças com condições de sair dos quartos, no segundo momento o grupo divide-se entre a UTIP (Unidade de Tratamento Intensivo Pediátrico) para as crianças que estão restritas ao quarto, onde ficam os transplantados, as crianças com Fibrose Cística e outras enfermidades que não permitem a saída das crianças para recreação.

O Projeto “Sala de Leitura Tabajara Ruas” tem como meta aproximar os pacientes dos livros. Para isso, utilizou-se dos recursos humanos, espaço físico,

mobiliário e equipamento adequados para o funcionamento e dinamização da Sala de Leitura, criada em 2003 e localizada no oitavo andar do HCPA. A Sala de Leitura é coordenada e atendida pelo Serviço de Recreação do HCPA, conta com um acervo inicial de aproximadamente mil e trezentos livros e foi organizada através do Projeto de Extensão com o Núcleo da Hora do Conto do Departamento de Ciências da Informação da FABICO/UFRGS. O Projeto proporcionou a seleção e o tratamento técnico dos livros para a consulta e o empréstimo dos itens aos pacientes internados.

4.4 O Projeto de Extensão “Histórias na Creche”

O presente trabalho apresenta como foco o projeto de extensão “Histórias na Creche”, iniciado oficialmente em abril de 2004, após seis meses de experiências voluntárias na Creche da Instituição Amigo Germano.

O objetivo geral do projeto é estender as atividades de contação de histórias para as crianças carentes da comunidade externa da UFRGS, propiciando inclusão social. Especificamente, o Projeto de Extensão “Histórias na Creche” objetiva:

- a) “promover a extensão , aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural...” (LDB/96 – Art. 43-Parágrafo VII);
- b) oportunizar às crianças carentes da Creche da Instituição Amigo Germano a contação de histórias, como lenitivo e Biblioterapia, tendo em vista tantas carências que sofrem na infância;

- c) oportunizar aos acadêmicos da UFRGS um contexto estimulante que favoreça o desenvolvimento e o intercâmbio das experiências na sua área de atuação, exercendo a cidadania e propiciando a inclusão social através da contação de histórias e da interação com as crianças;
- d) estimular e desenvolver habilidades de planejamento e execução de dinâmicas de contação de histórias para crianças na faixa etária de três a seis anos de idade, através de histórias lúdicas e prazerosas.

O projeto “Histórias na Creche” justifica-se pelo fato de que histórias contadas servem de elo de afeto, emoção, ludismo e prazer. Para crianças carentes que freqüentam uma creche comunitária e sofrem muitas privações e violências na vida, justifica-se o encontro dos contadores de histórias, propiciando a magia, a fantasia, em um mundo onde muitas histórias podem conduzi-las, sentindo-se as protagonistas em mundos encantados que as histórias propiciam.

O público-alvo do projeto são as 76 crianças entre três e seis anos de idade, regularmente inscritas na Creche.

O desenvolvimento das atividades é realizado da seguinte forma:

- e) seleção de histórias para serem narradas, baseada em um cronograma, uma vez que as histórias não podem ser repetidas para o mesmo público de crianças;
- f) planejamento das atividades a serem desenvolvidas;
- g) realização das atividades de contação de histórias, com aplicação de dinâmicas diversificadas;
- h) avaliação das atividades desenvolvidas;
- i) realização de campanhas de doação de alimentos, na FABICO, especialmente em datas festivas, destinados à manutenção da Creche, que é mantida através da solidariedade da comunidade.

O contador de histórias empresta seu corpo, sua voz e seus afetos ao texto que ele narra, e o texto deixa de ser signo para se tornar significado.

(Cléo Busatto, 2003)

5 CRECHE AMIGO GERMANO

Antes de qualquer contextualização do espaço deste estudo, ou seja, a Creche da Instituição Amigo Germano, faz-se necessário a revisão de alguns preceitos teóricos sobre “creche”. Diante disso, a revisão teórica mais voltada à pedagogia trouxe algumas idéias importantes sobre o tema, conforme exposto a seguir.

Torna-se importante registrar ainda que o termo “creche” é um tanto quanto impróprio e não atinge a todos os objetivos que a educação infantil – esse é o termo apropriado – visa com relação às crianças de zero a seis anos de idade. Todavia, utilizar-se-á o vocábulo “creche” para fins deste estudo, já que a Instituição é conhecida social e popularmente como Creche Amigo Germano.

5.1 Contextualização de Creche

Pereira, Amorim e Vitória (2000) afirmam que, devido às transformações sócio-econômicas sofridas pela sociedade atual, a creche vem se tornando uma necessidade tão primordial, que exige maiores estudos. Fato este que se deve a duas questões especialmente relevantes e conflitantes: a função da maternidade e a educação de crianças, especialmente nos primeiros anos de vida, em ambientes coletivos.

Pela concepção prevalente da sociedade, o modelo assumido como o mais adequado para o desenvolvimento do bebê é a criação na família nuclear,

constituída por mãe, pai, filhos e parentes mais próximos. Como esta realidade já não é possível em épocas de capitalismo, a creche surge como “salvação”.

Contextos de desenvolvimento diversos, como o cuidado coletivo de crianças pequenas em creche são encarados como “mal necessário”, por constituírem um risco ao desenvolvimento sadio da criança e aceitáveis apenas naqueles casos em que a mãe ou a família não tem condições de criar o filho em casa. Contudo, essa visão vem sendo contestada especialmente a partir de estudos que procuram demonstrar de que maneira ela se encontra influenciada por práticas, concepções e valores sociais, constituídos historicamente. (PEREIRA; AMORIM; VITÓRIA, 2000).

Papalia e Olds (1981) tomam como base de estudo a tipologia de creches definidas pelo Escritório do Desenvolvimento da Criança do Departamento de Saúde, Educação e Bem-Estar dos EUA:

- a) Programas de desenvolvimento global da criança – abrange todas ou quase todas as necessidades das crianças em crescimento e suas famílias. Contudo é um tipo muito caro de ser mantido e pode ser considerado desnecessário para crianças sem grandes desvantagens sócio-econômico-psicológicas.
- b) Creche diurna de desenvolvimento – proporciona às crianças novas oportunidades para desenvolvimento social e educacional, a partir de pessoal treinada para trabalhar com os livros e brinquedos disponibilizados às crianças. É um tipo mais passível à realidade, considerando-se que se aproxima da atividade e qualidade de uma escola maternal. Tem funcionamento temporal extensivo das 7h e 30 min até às 17h ou 18 h, aproximadamente, proporcionando assim um bom “lar” para a criança.
- c) Creche de custódia da criança – é pouco mais do que um lugar de garantia de supervisão e segurança física às crianças. Não há pessoal qualitativamente bem capacitado para o trato com as crianças, escassos ou nenhum livro ou brinquedo. A solução permanente de entretenimento é deixar a televisão ligada a maior parte do dia, senão em suas 24 horas e fixar – de qualquer modo – as

crianças em frente do aparelho. Obviamente, é um tipo sem grandes valores monetários em investimento, mas também sem qualquer valor educativo para as crianças e até mesmo para aqueles que “cuidam” dos internos.

Ainda Papalia e Olds, na mesma obra, detectaram vários estudos sendo realizados para a determinação dos efeitos da creche sobre a criança, positiva ou negativamente. O desenvolvimento diverso nas creches e nos lares, bem como essa diferença acontece é objeto de estudo de inúmeros pesquisadores.

O que se tem de concreto a respeito de crianças cuidadas em creches de alta qualidade é que na esfera cognitiva, a criança em um bom programa não pode ser afetada para melhor ou para pior. Contudo as crianças com antecedentes de desvantagens múltiplas cuidadas em um bom centro de creche têm menos probabilidade de mostrar declínios em seus resultados cognitivos. Já na esfera emocional, o foco de estudo é o relacionamento mãe-filho e este parece permanecer inalterado estando ou não a criança em creches.

Socialmente, as crianças de creche parecem interagir mais com outras crianças – tanto positiva como negativamente – do que as crianças que ficam somente em casa. Ocorre em alguns casos também que crianças que viveram a maior parte de seu tempo em creches, demonstram-se mais agressivas e menos cooperativas nas atividades e convivência escolares.

Embora com várias pesquisas já concluídas e tantas outras em andamento pouco se sabe sobre os efeitos da creche. Todavia, não há como negar que são essenciais a qualidade do programa da creche e a capacitação irrefutável dos profissionais a se responsabilizarem pelos cuidados diretos e indiretos da criança.

5.2 A Creche Comunitária Amigo Germano

A Creche Amigo Germano é uma creche comunitária, bastante conhecida e bem conceituada entre a sociedade local, por realizar um trabalho essencial à comunidade, com qualidade, amor e sem custos aos beneficiários.

Os dados para esta seção do estudo foram coletados a partir das entrevistas com a diretora responsável pela Creche, Sra. Elga Lili dos Santos (a Tia Lili) e com a monitora Sra. Sônia Barreto Moreira (a Tia Sônia).

5.2.1 HISTÓRICO DA CRECHE AMIGO GERMANO

A Instituição Amigo Germano foi fundada por Aldo Flores Ferreira, Ivo Castilhos e Artigas Castilho em 15 de maio de 1944.

A Creche fez-se logo necessária, para pôr em prática os preceitos teóricos reiterados pela Instituição que possui em sua base a filosofia ou doutrina religiosa espírita kardecista. Dessa forma, em 27 de junho de 1953, foi assentado o primeiro tijolo da Creche, tendo por responsáveis pela elaboração da planta e construção do prédio os senhores Adjuto e Aldo.

Atualmente, tem capacidade para atender 80 crianças por ano, distribuídas em quatro turmas por idade: quinze crianças de 3 anos, quinze crianças de 4 anos, vinte e cinco crianças de 5 anos e vinte e cinco crianças de 6 anos. Do início do funcionamento até há alguns anos atendia muito além dessa capacidade. Todavia, as dificuldades financeiras e a falta de colaboradores, fez com que a Instituição abortasse os projetos de profissionalização de adolescentes, como a marcenaria e

outros e mantivesse a Creche, atendendo em menor escala, mas com a mesma qualidade.

A Creche Amigo Germano carece de condições econômicas favoráveis ao desenvolvimento de atividades que garantam o êxito em seus planos para a qualidade de vida das crianças. A sobrevivência da Creche é garantida por doações da comunidade em geral e pelo trabalho de recolhimento de materiais recicláveis. Os funcionários remunerados são as quatro atendentes, responsáveis pelas turmas de crianças, a monitora e as responsáveis pela cozinha e pela limpeza do prédio.

5.2.2 OBJETIVOS DA CRECHE AMIGO GERMANO

O objetivo norteador da Creche é a criança. As crianças e tudo que as envolve e rodeia, como conforto, atenção, carinho, alimentação, assistência médica, desenvolvimento físico, psicológico, cognitivo, social, entre outros são a causa, o processo e a consequência de tudo o que é realizado ou pelo menos planejado na Creche da Instituição Amigo Germano.

Para as crianças, são elaboradas atividades específicas para que se tornem seres humanos melhores, vencendo as barreiras impostas por sua condição sócio-econômica. Visando o desenvolvimento global da criança, são efetivados projetos baseados no resgate de valores morais, éticos e principalmente conscientes da realidade em que vivem e do que podem, devem e/ou gostariam de mudar.

Tendo em vista a efetivação dos projetos favoráveis às crianças, a Creche conta com alguns profissionais de diversas áreas que colaboram voluntariamente no atendimento e atenção às crianças. Esses profissionais são essenciais na continuidade da proposta qualitativa da Instituição: uma pedagoga, três psicólogas,

uma fonoaudióloga, um pediatra, um médico, uma dentista, uma nutricionista, uma professora de inglês, uma professora de música, um profissional de computação, duas evangelizadoras, cinco recreacionistas, quatro costureiras e os contadores de histórias do NUHC da UFRGS.

Na realidade, tudo o que é conquistado materialmente para a manutenção e sobrevivência da Creche é fruto de muito esforço conjunto dos profissionais da instituição e dos voluntários engajados e participativos com objetivo da Instituição, que é tão somente a *criança*.

5.2.3 AS CRIANÇAS DA CRECHE AMIGO GERMANO

As crianças atendidas pela Creche da Instituição Amigo Germano são basicamente caracterizadas pela carência múltipla: miséria econômica, lástima emocional e afetiva e todas as seqüelas imagináveis para esse deplorável quadro inicial, como a exposição à violência física, psicológica e sexual. Esses tipos de violência concretizam-se entre os pais, a partir dos pais em direção à criança, entre os irmãos, vizinhos, parentes e destes para com a criança.

Na Creche há suspeitas de que algumas crianças sofram, além da violência física e psicológica, com a pior e mais aterrorizante das violências contra um ser humano, que é o abuso sexual caracterizado pela pedofilia. Um dos supostos casos teve a confirmação da criança, em longas e periódicas conversas entre a criança e o serviço de psicologia. Todavia, na maioria dos casos que poderiam ser levados à juízo ocorre o mesmo que foi relatado pela monitora, tia Sônia:

Durante todos esses anos que eu trabalho com crianças, nunca foi pego nenhum abusador e quando foi, a criança se calou. O caso mais marcante foi o de uma menina que sofreu abuso dos três aninhos mais ou menos até

os doze. Quando ela não quis engravidar do pai, avisou pra mãe e tomou uma surra da mãe, que não acreditou na filha. Como a menina já estava acostumada, calou-se mais uma vez... Aí foi indo assim até a mãe pegar ela com o pai. (Depoimento)

De acordo com dados coletados pela Clínica Psicanalítica de Violência, sediada no Rio de Janeiro, os mais de dois mil casos de violência sexual contra a criança e adolescentes de todas as classes sociais, apresentam em mais de 80% dos casos, o próprio pai da vítima como agressor. (SOARES, 2004, p.152).

PARISOTTO (2001) caracteriza a pedofilia como um transtorno parafílico*, em que o abusador tem no mínimo 16 anos e é pelo menos cinco anos mais velho que a vítima.

O abuso ocorre em todas as classes sociais, raças e níveis educacionais e é geralmente justificado pelo argumento do abusador estar ensinando à criança a desenvolver-se no sexo. Como na maioria das vezes acontece no seio familiar, o processo de identificação e tratamento é bastante complicado. Assim, aumentam ainda mais as conseqüências emocionais para a criança, que se torna insegura, culpada, deprimida, com problemas sexuais e problemas nos relacionamentos íntimos na vida adulta.

Existem casos em que ocorre isolado ou em conjunto à violência sexual, o abuso psicológico, que é uma das formas de violência mais difícil de ser detectada. De acordo com Parisotto (2001), o abuso apresenta-se sob diferentes formas:

a) rejeitar: não reconhecer o valor da criança, nem a legitimidade de suas necessidades;

* Cada um de um grupo de distúrbios psicosssexuais em que o indivíduo sente necessidade imediata, repetida e imperiosa de ter atividades sexuais, em que se incluem, por vezes, fantasias com objeto não humano, auto-sofrimento ou auto-humilhação, ou sofrimento ou humilhação, consentidos ou não, de parceiro. (DICIONÁRIO AURÉLIO Eletrônico: século XXI versão 3.0. Rio de Janeiro: Nova Franteira, 1999)

- b) isolar: afastá-la de experiências sociais normais, impedindo-a de ter amigos e fazendo-a crer que está só no mundo;
- c) aterrorizar: através de agressões verbais, instaurando clima de medo, atemorizando-a e fazendo-a crer que o mundo é hostil;
- d) ignorar: não estimulando seu crescimento emocional e intelectual;
- e) criar expectativas irreais ou exigências extremadas sobre o seu rendimento escolar, intelectual, esportivo;
- f) interferir negativamente sobre a criança, induzindo a uma auto-imagem negativa e ao fraco desempenho ou estimulando na criança um padrão de comportamento destrutivo.

Apesar de todo esse panorama de infortúnio, durante o período do projeto realizado pelo NUHC, inclusive durante as observações realizadas, as crianças demonstram, em suas múltiplas carências, um afeto profundo a ser compartilhado com qualquer pessoa que se prontifique a aceitar sua atenção.

5.3 A Criança com Necessidades Sócio-Econômico-Afetivas Especiais

A criança é um ser em contínua evolução e seu desenvolvimento é marcado por instabilidades inevitáveis. A seqüência geral do desenvolvimento da criança não é uma linha reta e regular. Admite curvas rápidas ou lentas, estacionamentos, crises e recuos. Não há como definir qual o grau de desenvolvimento da criança durante os

períodos de crise, nem nos períodos estáveis, bem como quais são as fases mais presentes. É sabido, sim, que as crises são simétricas, pois se reproduzem de maneira análoga e comportam, com mais ou menos gravidade, os mesmos perigos e as mesmas conseqüências. Os tipos mais comuns conforme Jacquin (1962) são:

- as crises de ordem social, provocadas pelos conflitos nas relações da criança com o meio ambiente, na sua descoberta do mundo humano, incluindo problemas econômicos, sociais;
- as crises psicológicas, ocorridas quase imperceptivelmente na evolução intelectual e moral da criança;
- as crises afetivas e mais freqüentes, caracterizadas pelo aparecimento de conflitos afetivos, que podem ser agravados se não resolvidos logo.

No momento em que as crises passam a ser tão constantes, que se tornam o cotidiano da criança, constitui-se uma deficiência profunda pela carência financeira, pela exclusão social, pelo descaso, abandono e negligência da família e sociedade em geral.

As crianças da Creche Amigo Germano, sujeitos deste estudo, caracterizam-se, na sua maioria, pelo elenco das carências citadas. Por isso são consideradas pessoas com necessidades sócio-econômico-afetivas especiais, visto que esse tipo de carências – especialmente durante a infância pré-escolar (dos 0 aos 6 anos) – pode e geralmente provoca deficiências cognitivas graves e até mesmo irreversíveis. Segundo os teóricos da área de ensino-aprendizagem, a criança que apresenta dificuldades no processo de aprender, são consideradas PNEEs (Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais). Assim, a vida inteira da criança pode ficar

comprometida e assinalada pela delinqüência e condenação à marginalização da sociedade e do mundo.

Contar histórias é uma arte porque traz significações ao propor um diálogo entre as diferentes dimensões do ser.

(Cléo Busatto, 2003)

6 APLICAÇÃO DO INSTRUMENTO DE OBSERVAÇÃO

Um dos instrumentos utilizados para a coleta de dados deste trabalho foi a observação direta semi-participante. As observações consideradas válidas para fins deste trabalho foram realizadas desde o início da realização do Projeto de Extensão “Histórias na Creche”, nos encontros em que a observadora esteve presente. A cada encontro foram evidenciados pontos culminantes de demonstração de emoções por parte das crianças, tanto com relação às histórias como aos contadores.

Dessa forma, não foram identificados sujeitos específicos, mas sim a reação das 76 crianças como sujeitos das observações. Obviamente, as reações individuais diferenciaram-se durante a pesquisa, todavia, podem ser caracterizadas no conjunto.

O período temporal das observações determina-se pelo tempo de realização do projeto de extensão “Histórias na Creche”, desde dezembro de 2003 até setembro de 2004, através de encontros quinzenais.

6.1 As Histórias Contadas

A seleção das histórias ocorre de acordo com os contadores que irão participar do encontro, pois, como “regra” para uma boa contação, é essencial que texto e narrador, história e contador identifiquem-se e interajam entre si.

Assim, os estilos literários contados e as técnicas e dinâmicas utilizadas na Creche Amigo Germano foram os mais diversificados possível. Desde a leitura individual para as crianças até a dramatização de textos em grande grupo fizeram parte das dinâmicas de contações de histórias durante o período de observação realizada.

Os temas abordados pelas histórias também foram os mais diversos, passando por contos de fadas, suspense, aventura, fábulas, mitos, entre tantos outros. Alguns temas, especialmente os contos de fadas e os suspenses atraíram mais atenção das crianças, embora nenhuma história tenha passado despercebida pelas crianças.

6.2 As Reações das Crianças nas Atividades de Contação de Histórias

Nos encontros com as crianças da Creche Amigo Germano foi possível perceber reações diversas e paradoxais diante das histórias contadas.

Nas histórias mais leves, sem grande profundidade de conteúdo, as crianças reagiram na mesma medida, sem emoções muito afloradas. Nas histórias em que surgiam situações de perigo e medo, evidenciavam expressões de pavor, como se fossem os personagens à beira de um abismo fatal. As emoções mais fortes chegavam a causar choro convulsivo em algumas crianças. Exemplo mais efetivo dessa situação ocorreu com a dramatização de uma história de bruxa, em que uma contadora fantasiou-se e simplesmente seduziu as crianças aos mistérios e medos

que a bruxa provoca na imaginação infantil. Algumas ficaram temerosas, porém não conseguiam desviar o olhar, tamanho era o fascínio por aquela criatura tão apavorante e, ao mesmo tempo, fascinante. Outras demonstraram tanto medo que se escondiam atrás das atendentes de turma entre lágrimas. No momento de sugerir para saírem do ambiente, a negação era imediata e resoluta.

Da mesma forma foi a reação diante de uma história sobre o medo natural de criança dos fenômenos mais agressivos da natureza, como tempestade, ventos fortes e mar. Os olhos arregalados demonstravam todo o pavor da situação, mas o final da história, com o desenlace tranqüilo, amenizava o medo e fazia surgir sorrisos de alívio.

6.3 As Atitudes das Crianças com os Contadores de História

As crianças atendidas pela Creche Amigo Germano apresentaram durante todo o período de observações um comportamento irrepreensível. Apesar das diferentes personalidades individuais, o grande grupo sempre demonstrou grande capacidade de acolhimento aos contadores do NUHC, mesmo que esses comparecessem a Creche conforme suas disponibilidades de tempo.

Em nenhum dos encontros foi necessário repreender alguma criança ou interromper a contação na espera de maior atenção ou silêncio.

Ao término de cada contação de histórias, todos os contadores eram cercados pelas crianças que agradeciam com beijos, abraços, sorrisos e pedidos de mais uma história.

*O contador de histórias, como um mágico, faz aparecer o inexistente,
e nos convence que aquilo existe.*

(Cléo Busatto, 2003)

7 ANÁLISE DO INSTRUMENTO DE OBSERVAÇÃO

Através das observações das crianças da Creche Amigo Germano foi possível realizar as seguintes constatações como resultado de pesquisa:

- a) Apesar de toda a precariedade sócio-econômica e dos absurdos abusos físicos, psicológicos e sexuais vivenciados, as crianças preservam sua identidade de infância, respondendo aos estímulos de sua faixa etária;
- b) O primeiro contato entre crianças e contadores é o mais tímido, mas não menos proveitoso, pois, apesar de as crianças não estarem habituadas a ouvir histórias, mostram-se bastante receptivas à novidade apresentada;
- c) As atendentes de turma demonstram igual ou maior acolhimento das histórias, exigindo, inclusive, silêncio absoluto para que possam curtir as contações;
- d) Infelizmente, a carência afetiva das crianças é tão abundante que sua exigência por carinho é humilde e envergonhada, como se tivessem medo de serem repreendidas por solicitarem atenção;
- e) Os vínculos afetivos estabelecidos entre crianças, contadores e atendentes são inegáveis e esses laços de amizade e confiança parecem favorecer o desenvolvimento cognitivo, especialmente das crianças;
- f) A partir do quinto encontro, aproximadamente, as crianças demonstram maior atividade, querendo participar das histórias e solicitando outras ou a repetição de textos já contados.

O contador de histórias cria imagens no ar materializando o verbo e transformando-se ele próprio nesta matéria fluida que é a palavra.

(Cléo Busatto, 2003)

8 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

As entrevistas foram realizadas durante o mês de outubro, aplicadas à diretora e à monitora da Creche Amigo Germano e tinham como objetivos explicitar a validade ou não da contação de histórias realizada pelo NUHC na Creche, bem como obter maiores informações sobre o real contexto da Creche e das crianças atendidas.

As questões foram divididas em três etapas distintas: a primeira sobre a situação da Creche, para esclarecer seus objetivos, situação material e procedimentos. O segundo bloco de perguntas deteve-se nas crianças atendidas pela Creche, a fim de contextualizar a realidade dos sujeitos da pesquisa. Essas duas primeiras etapas foram inseridas no desenvolvimento do trabalho. A terceira fase de questionamentos circunscreveu-se na contação de histórias, visando à concretização analítica dos dados em prol da pesquisa.

As duas entrevistadas consentiram em ser identificadas pelo nome, porém, para efeitos de entendimento dos resultados sem paralelos traçados com a identidade, será utilizada Entrevistada 1 e Entrevistada 2.

Entrevistada 1

Nome: Sônia Barreto Moreira

Cargo: monitora

Tempo de atuação na Creche: 9 anos

Formação: curso de atendente de creche, atuando há 30 anos na área educacional

Entrevistada 2

Nome: Elga Lili dos Santos

Cargo: diretora de Departamento Espiritual da Instituição Amigo Germano, responsável pela administração da Creche

Tempo de atuação na Creche: 10 meses

Formação: função administrativa

A primeira questão foi se elas acreditavam que a contação de histórias pudesse auxiliar o desenvolvimento cognitivo das crianças.

Entrevistada 1:

“A contação de histórias ... não tem explicação do quanto é importante não só para a criança, mas para nós, as tias. Uma das coisas mais lindas que houve na nossa casa são vocês [contadores], é a contação de histórias. Por exemplo, às vezes eu estou correndo aqui e ali, arrumando, organizando tudo, para poder ir assistir o momento das histórias. Uma palavra já é o suficiente para eu seguir a minha semana, a minha caminhada... Da importância que é, do carinho de vocês com as crianças, conosco, com todo mundo. A gente encontrou uma outra família que estava escondidinha e apareceu. Muito importante!”

Entrevistada 2:

“Muito, muito. Principalmente no desenvolvimento mental, para gravar as coisas, porque se tu não tens um sonho, se tu não contas alguma coisa, que eles mesmo contam alguma história, eles não vão ter nada na vida. Porque a vida da gente, a gente tem que sonhar, a gente tem que ter um objetivo, a gente tem que ter uma ilusão, senão tudo amortece. E se a gente não tem uma história para contar, mesmo que seja fictícia, o que é que gente tem da vida?! Perde o sentido! Por mais triste que seja, tu tens que ter uma história. Então eu acho isso muito importante. Resgatar, principalmente, esses valores que estão totalmente perdidos é uma coisa que eu me propus e as histórias auxiliam muito.”

Nessa questão pode-se perceber que as histórias contadas significam muito para a Creche, não apenas para as crianças – sujeitos principais da pesquisa e da Creche, mas para as atendentes que reconhecem nas histórias uma motivação.

Dessa forma, atinge-se consecutivamente dois públicos distintos, que, com seus conflitos individuais e comunitários trabalhados, conseguem ajudar mutuamente no contexto da Creche.

A segunda pergunta questionou se as entrevistadas achavam que se estabelecem laços afetivos entre o contador e as crianças e, em caso positivo, por que esses laços eram estabelecidos.

Entrevistada 1

“Sim. Porque... a única coisa é o amor. O amor e o respeito. O amor e o equilíbrio que, para mim, sempre foram essenciais.”

Entrevistada 2

“São estabelecidos sim. Quando eles enxergam vocês, eles já vibram. Isso é muito importante, eles adoram. Depois ficam comentando entre si.”

Nesta segunda questão percebe-se que os laços afetivos são formados e de forma bastante forte. Esse vínculo é muito importante por representar uma maneira de as crianças amarem e sentirem-se amadas além da obrigação da família e sem o perigo dos castigos e dos afetos contaminados, que fazem parte de suas realidades cotidianas.

A terceira interrogação às entrevistadas foi se as crianças demonstravam retomar situações da contação de histórias durante seu dia a dia, apesar do projeto realizar-se somente quinzenalmente.

Entrevistada 1

“Comentam. Não só comentam, como depois eles imitam, eles contam em suas salas.”

Entrevistada 2

“Eles conversam entre si: “Lembra aquela tia que estava fantasiada assim, assim...? / Lembra da formiguinha...?” Eles retomam os valores implícitos nas histórias.”

As respostas à terceira questão deixam claro que as histórias ultrapassam o momento em que os contadores estão realizando a contação. Assim, percebe-se que a magia dos textos obtém um resultado positivo no processo cognitivo das crianças, que conseguem retomar a história e lidar com seus medos, angústias, alegrias e euforias.

Considerando o período em que o Projeto do NUHC é desenvolvido na Creche, notou-se alguma alteração comportamental nas crianças em comparação ao período anterior à contação de histórias e quais foram estas? Esta foi a quarta pergunta da qual foram relatadas as seguintes respostas:

Entrevistada 1

“Com certeza. Melhorou muito, muito mesmo. Não só para as crianças como para as tias. Deu mais vida para a casa, para as tias, para nós todos.”

Inferiu-se então uma questão auxiliar: *“Então pode-se dizer que a história conseguiu trabalhar com algum conflito, alguma coisa nesse sentido?”* A esta a primeira entrevistada afirmou que com certeza sim.

Entrevistada 2

“Atualmente estão todos bem. Só um ou dois que destoam um pouco. Acho que está influenciando muito bem. É muito positivo!”

Como complementação, questionou-se: *“Algumas crianças sofrem abuso. Será que a história pode influenciar para a criança perder o medo de contar a situação?”*

“A menina que a psicóloga comprovou sofrer abuso sexual, já se abriu com ela, mas a mãe conta uma história diferente, bate na criança e ficamos sem ter como provar.”

A quinta pergunta refere-se ainda às possíveis alterações ocasionadas pela contação de histórias, questionando se, em caso positivo na questão anterior, a que são atribuídas especificamente essas alterações.

Entrevistada 1

“Acho que é como se conta a história. É muito engraçado. Eu estava falando para aquele menino – o Rogério... ele começou meio tímido. Daí foi indo, ele e a esposa dele, e agora... eles estão demais. Demais! Ele cria, ele começa a contar a história, mas a gente sabe que ele está criando. Então é isso que cativa a criança e o adulto também. É a maneira que é contada a história. Não é pegar um livro e seguir lendo aquilo ali.”

Entrevistada 2

“É o jeito que vocês [contadores] contam que faz com que as crianças criem confiança em vocês. E quando vocês abordam isso do medo eles vão aos poucos perdendo-o, porque conseguem trabalhar aquilo. A gente não consegue, as tias já têm muitas atividades e não se consegue alcançar a todos. E esse trabalho que vocês fazem é muito importante, porque quando vocês contam uma história, na cabecinha deles, eles já vão mais além (Ah! Me aconteceu isso, ou aquilo...). então eles conseguem relacionar. Isso está sendo muito importante, está sendo muito bom.”

Nessas duas últimas questões, percebe-se que, aos poucos, e apesar do período espaçado dos encontros, as contações de histórias estão atingindo seu objetivo que é cativar a criança e auxiliá-la, mesmo que indiretamente, na resolução de conflitos. Apenas o fato de as crianças conseguirem visualizar seu problema e falar a respeito dele já é um grande passo para seu entendimento e possível solução. Além do conteúdo das histórias, ficou claro que o modo como o contador

porta-se durante o encontro é de vital importância para o sucesso da sessão. Mais do que um texto bem escolhido, é um contar bem feito e marcado pela identificação do contador com o texto e com as crianças que determina resultados positivos como papel da contação de histórias.

*Contar histórias é uma arte, uma arte rara, pois sua matéria-prima é
o imaterial, e o contador de histórias um artista que tece os fios
invisíveis desta teia que é o contar.*

(Cléo Busatto, 2003)

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da idéia inicial do trabalho, ou seja, verificar o papel da contação de histórias como Biblioterapia, a partir da experiência do Projeto de Extensão “Histórias na Creche”, obtiveram-se os elementos-chave biblioterapia, contação de histórias, a Creche Amigo Germano e o Núcleo da Hora do Conto, unidos pela pesquisa de campo qualitativa.

Após todas as contextualizações e análises de dados, foi possível perceber que o significado da contação de histórias, realizada pelo NUHC na Creche Amigo Germano, atinge o objetivo central da Biblioterapia que é patrocinar um reconhecimento das dificuldades enfrentadas e a partir de então realizar os processos da catarse e introspecção para superar as mazelas ou pelo menos minimizar seus efeitos mais cruéis na vida das pessoas.

Busatto (2003) afirma que “contar histórias expressa e corporifica o simbólico, tornando-se a mais pura expressão do ser”. Assim, a atividade biblioterapêutica é responsável pela dinamização do pensamento, do sentimento, do ser como todo complexo e pleno. Essas colocações não presumem obrigatoriamente que a Biblioterapia só ocorre pelo ato de contar histórias, mas deixa a indicação de que é um dos meios para que os efeitos biblioterapêuticos sejam potencializados. No decorrer do desenvolvimento do trabalho, verificou-se a cura pela leitura como uma atividade de encontro consigo mesmo, com o outro e com o mundo. A contação de histórias apresenta-se como diálogo em grupo que favorece o autoconhecimento e, conseqüentemente, uma melhor vivência no mundo.

Assim, fica impossível não admitir a importância da contação de histórias para as crianças da Creche Amigo Germano. Diante de toda a situação de necessidades

especiais múltiplas, sem perspectiva palpável de um futuro e até mesmo um presente menos problemático, as histórias ocupam um lugar de destaque do cotidiano infantil. Não é uma fuga, mas uma possibilidade de pensar diferente, sentir diferente. Se, a longo prazo, suas vidas serão diferentes não há como prever, nem ao menos é responsabilidade das histórias garantir finais sempre felizes. A proposta das histórias é proporcionar o ludismo, o prazer para que todos os males sofridos possam ter suas dimensões diminuídas a tal ponto que pareçam insignificantes. A partir daí, torna-se possível sonhar, pois sem sonhos, sem histórias, não é possível viver melhor.

Com o estímulo à aquisição de novos conhecimentos, a valorização da auto-estima, da segurança e da personalidade, as crianças serão menos suscetíveis às promessas fáceis do mundo atual, como as drogas, os crimes, a marginalidade. Se as histórias puderem servir de incentivo ao amor próprio, elas serão biblioterapêuticas e então sim serão responsáveis por um caminho feliz, embora até a felicidade pareça abstrata demais para aproximar-se do possível.

Tendo por base a análise dos dados pode-se afirmar que as histórias auxiliam, sim, o desenvolvimento não só cognitivo, mas total da criança. É perceptível também que os vínculos afetivos estabelecidos entre contadores e crianças é de vital influência da dinamização do processo de Biblioterapia, isto porque, as histórias não existem sozinhas. Na contação – que é diálogo – o contador torna-se co-autor e emissor de uma mensagem de suma importância. A criança, ao receber a mensagem – pois, de uma forma ou outra, a mensagem chega ao seu destino, na contação – responde, cedo ou tarde, de alguma forma. Se de imediato, o conteúdo da história não foi processado e assimilado, a simples atenção prestada às crianças, ocupa temporariamente o lugar da Biblioterapia, até que o conhecimento e

o caminho da cura sejam descobertos pela criança. Ainda assim, após a leitura/contação tornar-se o foco central, o contador não perderá sua dimensão como sujeito participativo do ato biblioterápico. O afeto já existe, o carinho já tomou dimensões irreversíveis e o vínculo criado dispensa maiores explicações.

As histórias contadas, os fatos narrados, as experiências vivenciadas são retomadas pelas crianças em seu dia a dia, demonstrando o quanto os textos são expressivos para elas, mesmo que não consigam entender por completo toda a mensagem trabalhada pelo autor e pelo contador. Os enredos desenvolvidos conseguem encontrar ressonância na alma infantil, até mesmo inconscientemente. Mesmo com todo o temor em estar frente a frente com uma bruxa, que faz emergir os medos mais inimagináveis, as crianças negam-se a abandonar o espaço da história. Essa atitude evoca a mesma força e coragem que muitas vezes elas querem ter perante um pai violento, ou um alimento inexistente, ou o frio que insiste em entrar pela pouca roupa que vestem. Com certeza e, infelizmente, a história não vai saciar seu organismo das necessidades fisiológicas e anatômicas. Todavia, a história pode mostrar-lhe, através de um personagem vivendo os mesmos dramas, que tudo pode melhorar, se o esforço for constante, se a coragem de impor-se às dificuldades sobrepor-se ao medo e ao desânimo.

Pode parecer mera utopia, sem a comprovação científica que a Ciência ainda hoje exige, mas acreditar em um mundo melhor, em uma vida mais digna é uma esperança imortal e dela não se pode abrir mão, mesmo que seja utilizando-se de métodos julgados pouco acadêmicos, como brincar, como contar e ouvir histórias, como ser criança.

REFERÊNCIAS

BUSATTO, Cléo. **Contar e Encantar: pequenos segredos da narrativa**. São Paulo: Vozes, 2003.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A Leitura como Função Terapêutica: Biblioterapia. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciências da Informação*, Florianópolis, n.12, 2001. Disponível em: http://www.Encontros.bibli.ufsc.br/edicao_12/caldin.html . Acesso em: 15. abr. 2004.

GRITTI, Delmino. **Sobre o Livro e o Escrever**. Caxias do Sul – RS: Maneco Livraria e Editora, 2002

GUTFREIND, Celso. **O Terapeuta e o Lobo: a utilização do conto na psicoterapia da criança**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

JACQUIN, Guy. **As Grandes Linhas da Psicologia da Criança**. 3ª ed. São Paulo: Flaboyant, 1962.

MOREIRA, Sônia Barreto. **Sônia Barreto Moreira**: depoimento [out. 2004]. Entrevistador: Patrícia R. N. Teixeira. Porto Alegre, Creche Amigo Germano, 2004. 1 cassete sonoro.

ORSINI, Maria Stella. **O Uso da Literatura para Fins Terapêuticos: Biblioterapia**. Comunicação e Artes, São Paulo, n.11, p. 139-149, 1982.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. São Paulo: Loyola, 1996. 341p.

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wedkos. **O Mundo da Criança: da infância à adolescência**. São Paulo: McGraw Hill do Brasil, 1981.

PAROSITTO, Luciana. **Abuso Sexual: pedofilia, estupro, assédio e exploração sexual**. Disponível em: <<http://www.violenciasexual.org.br>>. Acesso em: 25 ago. 2004.

PEREIRA, Maria C.R.; AMORIM, Kátia S; VITÓRIA, Telma. **A Creche Enquanto Contexto Possível de Desenvolvimento da Criança**. Disponível em: <<http://www.fsp.usp.br/ROSSETI.htm>>. Acesso em: 17 maio 2004.

RATTON, Angela Maria Lima. **Biblioterapia**. Revista da Escola de Biblioteconomia UFMG, Belo Horizonte, v.4, n. 2, p. 198-214, set. 1975.

SALDANHA, Patrícia; MORO, Eliane Lourdes da Silva (or.). **Biblioterapia: a relação do contador de histórias e as crianças com Fibrose Cística internadas no Hospital de Clínicas de Porto Alegre: um estudo de caso**. 2004. 87f. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Biblioteconomia, Departamento de Ciências da

Informação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003, 87f.

SANTOS, Elga Lili dos. **Elga Lili dos Santos**: depoimento [out. 2004]. Entrevistador: Patrícia R. N. Teixeira. Porto Alegre, Creche Amigo Germano, 2004. 1 cassete sonoro.

SISTO, Celso. **Textos e Pretextos sobre a arte de contar histórias**. Chapecó: Argos, 2001.

SOARES, Lucila. **Quando a infância é um inferno**. REVISTA VEJA, São Paulo, p. 152-154, 5 maio 2004.

VICARI, Sabrina; MORO, Eliane Lourdes da Silva (Or.). **Biblioterapia: uma aplicação na recreação do Hospital de Clínicas de Porto Alegre**. 2003. 99f. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Biblioteconomia, Departamento de Ciências da Informação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003, 99f.

OBRAS CONSULTADAS

ALVES, Maria Helena Hess. **A Aplicação da Biblioterapia no Processo de Reintegração Social**. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, v.15, n.1/2, p. 54-61, jan./jun. 1982.

BAMBERGER, Richard. **Como Incentivar o Hábito de Leitura**. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2000.

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e Leitura**. São Paulo: Cortez, 1991.

BARCELLOS, Gládis Maria Ferrão; NEVES, Iara Conceição Bitencourt. **Hora do Conto: da fantasia ao prazer de ler: subsídios a sua realização em bibliotecas públicas e escolares**. Porto Alegre: Sagra-DC Luzzatto, 1995.

BUENO, Silvana Beatriz. **A Aplicação da Biblioterapia em Crianças Enfermas. Florianópolis: UFSC, 2002**. 18 p. Disponível em: <<http://www.ced.ufsc.br>>. Acesso em: 23.nov.2003.

COELHO, Betty. **Contar Histórias uma Arte sem Idade**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1990.

FERREIRA, Danielle Thiago. **Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal**. [2003]. Disponível em: <<http://www.bibli.fae.unicamp.br>>. Acesso em: 18.fev.2004.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 15ª ed. São Paulo: Cortez, 1986.

GÁRCIA PINTOS, Cláudio. **A Logoterapia em Contos: o livro como recurso terapêutico**. São Paulo: Paulus, 1999.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Ação Educativa na Creche**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

MORAES, José. **A Arte de Ler**. São Paulo: Ed. da Universidade Estadual Paulista, 1996.

PINHEIRO, Edna Gomes et.alli. **Abra os Olhos e Também o Coração: a história do projeto Reviver; Biblioterapia com as crianças portadoras de câncer**. Disponível em: <<http://www.prac.ufpb.br>>. Acesso em: 24.nov.2003.

APÊNDICE – Entrevistas Semi-Estruturadas com a diretora e a monitora da Creche Amigo Germano

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO
2004/2**

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Nome:

Cargo:

Tempo de atuação na creche:

Formação:

Sobre a Creche

- 1 Como você conceitua o trabalho da Creche Amigo Germano?
- 2 Quais os objetivos norteadores da Creche?
- 3 Quais as principais atividades desenvolvidas pela Creche?
- 4 Como você define a situação atual da Creche em relação às crianças?

Sobre as Crianças

- 1 Qual o contexto característico da comunidade atendida pela Creche?
- 2 Como é a resposta das crianças às atividades propostas pela Creche?
- 3 Como você caracteriza a participação da família nas atividades da Creche e como fator de influência no comportamento das crianças?

Sobre a Contação de Histórias

- 1 A contação de histórias pode auxiliar no desenvolvimento cognitivo das crianças?
- 2 Você acha que são estabelecidos laços afetivos entre o contador e as crianças. Por quê?
- 3 As crianças demonstram retomar situações da contação de histórias durante seu dia a dia?
- 4 Considerando o período em que o projeto do Núcleo da Hora do Conto é desenvolvido na Creche, notou-se alguma alteração comportamental nas crianças em comparação ao período anterior à contação de histórias? Quais?
- 5 Em caso positivo na questão anterior, a que você atribui especificamente essas alterações?

OBSERVAÇÕES FEITAS PELA BANCA* DE AVALIAÇÃO DURANTE A APRESENTAÇÃO EM 16/12/2004

Em 2.2 (p.18-20), sugeriu-se a retirada do quadro e sua substituição por explanação da autora do TCC a respeito das idéias expostas.

Em 2.5.1 (p.25-27), foi sugerido explorar mais cada item de aplicação em quem recebe a Biblioterapia, favorecendo um maior encadeamento e desenvolvimento sobre o tema.

Em 2.6 (p.28-30), sugeriu-se também a substituição dos tópicos por texto ininterrupto.

Em 5.1 (p.49-50), foi sugerido explorar mais o contexto brasileiro a respeito do universo “creche”, bem como fornecer dados mais atuais quanto às referências.

Em 5.3 (p.56), o título original era “A Criança Portadora de Necessidades Sócio-Econômico-Afetivas Especiais”. Foi sugerido, porém, que o termo “portadora” (e similares) fosse abolido pelo fato de não inferir a marca na criança. É uma tendência recente de não usar termos que possam identificar o sujeito por suas necessidades, características externas, entre outras, e sim pelo que é.

Nesse item também foi sugerido explorar mais a questão das necessidades múltiplas, tanto sociais e econômicas, quanto afetivas.

Em 6.2 (p.60), esclarecer os parâmetros para caracterizar as histórias como mais leves e/ou mais complexas, considerando o grau de neutralidade exigido pelo estudo científico.

Com relação ao capítulo 6 (Aplicação do Instrumento de Observação) sugeriu-se que fossem descritos mais dados a respeito do que foi observado nas crianças, adicionando essas informações em todo o desenvolvimento do trabalho e não só no capítulo específico.

Quanto à Análise do Instrumento de Observação (capítulo 7), foi sugerido que os tópicos fossem desmembrados e desenvolvidos em texto corrido, favorecendo maior encadeamento de idéias.

Na Análise das Entrevistas (capítulo 8), sugeriu-se maior participação pessoal da autora, enfatizando opiniões pessoais sobre as respostas dadas às perguntas pelas entrevistadas. Isso sugeriria uma análise mais profunda.

• Tânia Ramos Fortuna – FACED / UFRGS
• Lizandra Brasil Estabel – FABICO / UFRGS